



Osvaldo Cabral
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

DIÁRIO
inconveniente

O amuleto de Bolieiro

Há quem diga que José Manuel Bolieiro tem um amuleto político.

Por onde passa, a sorte cai-lhe sempre nos braços. Foi na Câmara Municipal de Ponta Delgada, com a saída de Berta Cabral em 2012, caindo-lhe o poder no regaço, e foi no arranjo da coligação após as eleições de 25 de Outubro de 2020, mesmo perdendo por uma diferença de 5 mil votos.

Agora, em 2025, a sua governação vai decorrendo em águas calmas, apesar de tantos falhanços, graças a uma oposição dividida entre a anestesia e a frouxidão.

Até o Pai Natal trouxe-lhe boas novas, com o anúncio, pelo INE, do crescimento do PIB acima da média nacional e só ultrapassado pela Madeira.

Já neste Ano Novo, mais uma boa nova: a inflação mais baixa de todo o país em 2024, com uns gratificantes 2,3%, dentro daquilo que o Banco Central Europeu exige aos estados membros, para baixar taxas de juro, projectando atingir os 2% em 2026. Ou seja, chegamos lá um ano antes.

O caso do crescimento do PIB é o mais significativo, porque mede o desempenho económico de cada Estado ou Região.

Em 2023, os Açores cresceram 3,4%, acima dos 2,5% nacionais, dos 3,3% do Algarve e Lisboa, mas abaixo dos 4,5% da Madeira.

Já em 2022, na saída do impacto da pandemia, os Açores tinham crescido 6,3%, abaixo dos 7% nacionais e muito abaixo dos 20,7% do Algarve, dos 16,5% da Madeira e dos 9,1% da Grande Lisboa, numa anomalia derivada do ano Covid.

O certo é que entre 2021 e 2023, os Açores crescem em linha com o país, mas menos do que as regiões de referência - Lisboa, Madeira e Algarve que tiveram um impulso maior do turismo a sair da pandemia.

A boa notícia, agora, é que os Açores crescem mais do que a média da Europa, razão pela qual o PIB da Região evolui, face à média europeia, de 65% em 2021 para 67% em 2022 e para 71% em 2023.

De recordar que entre 2010 e 2019, o PIB per capita açoriano divergiu face à média nacional.

Nem as melhores previsões do Governo Regional atingiam os 3,4%, já que o previsto nos documentos do executivo de Bolieiro era de apenas 2,5%.

Face ao país, o PIB per capita evolui de 88% em 2021 para 87% em 2022 e 88% em 2023, o que é um desempenho razoável, mas aquém das outras regiões.

No mesmo período, o mesmo indicador para a Madeira evolui de 97 em 2021 para 108 em 2022 e 109 em 2023.

A produtividade aparente do trabalho nos Açores (medida pelo Valor Acrescentado Bruto gerado por cada unidade

de pessoal ao serviço) ficou-se pelos 88% em 2023 (o registo mais baixo de todas as regiões) quando na Madeira o valor foi de 106, acima da média nacional de 100.

Os ganhos de crescimento dos Açores ficaram substancialmente atrás dos da Madeira, que teve uma evolução mais robusta do turismo.

E é, exactamente, o turismo que está a puxar a dinâmica económica nos Açores.

O quase pleno emprego e as consequências do impacto do turismo noutras actividades estão a ter consequências positivas na economia regional.

Estamos todos absorvidos com o turismo e com os receios de um monociclo, que nem nos apercebemos que a evolução do PIB, como diz o INE, também se ficou a dever à actividade agroindustrial, que deu um forte salto, assim como o comércio e o alojamento.

Não fosse o turismo e estaríamos com os mesmos pobres indicadores de há uma década.

Outra coisa é a distribuição dessa riqueza.

Aqui a música fia mais fino, pois se é verdade que o turismo está a revelar-se como o factor mais importante para esta dinâmica, também é verdade que a distribuição da riqueza mantém-se, ainda, com fortes distorções, como revela também o INE, fazendo dos Açores uma das regiões mais desiguais do país em termos de coesão.

Olhando para as contas das famílias, o INE diz que a Região Autónoma dos Açores, apesar do crescimento do Rendimento Disponível Bruto (RDB) claramente inferior ao do país, apresentou uma variação do RDB de 8,0%, devido à redução fiscal ocorrida no âmbito da Lei das Finanças das regiões autónomas (com um contributo dos impostos de -0,1%, bem inferior a -1,4% do País) e ao aumento das prestações sociais superior à média nacional, com um contributo superior (2,2%).

Em resumo, os Açores (coeficiente de Gini em 33,8%) era a região do país com maior assimetria na distribuição dos rendimentos.

Como já aqui referi, noutras crónicas, há que reconhecer a evolução da economia e da riqueza açoriana nas últimas décadas, mas o problema é que as outras regiões cresceram mais depressa do que nós, e a nossa não conseguiu debelar as enormes assimetrias, daí as inúmeras bolsas de pobreza.

Temos ainda muito caminho para andar e o amuleto de Bolieiro não vai servir de muito se não tivermos políticas acertadas, com a gigantesca máquina da administração regional cada vez mais bloqueada pelo absurdo do seu funcionamento.

Ou fazemos reformas profundas no sistema ou não haverá talismã que nos salve.

PSD-A defende reforço da segurança

O deputado do PSD/Açores Luís Soares defendeu ontem um reforço das forças de segurança na Região, nomeadamente "com o aumento do efetivo da Polícia de Segurança Pública (PSP) e da Guarda Nacional Republicana (GNR), conforme já defendemos há bastante tempo".

"As forças de segurança são um dos pilares da sociedade democrática, pelo que a sua importância não pode ser questionada sob pena de pormos em causa a ordem social instituída, a plena liberdade dos cidadãos e a própria vivência em democracia", disse, esta manhã, em plenário.

Luís Soares lembrou que a

Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores "já pugnou, em vários momentos, por melhores condições para os funcionários da PSP no arquipélago, mas não nos podemos esquecer que boas democracias se fazem com bons polícias, e esses não podem ser pessoas a quem faltam meios dignos, esquadras dignas para trabalhar, a quem lhes faltam viaturas, e em muitas circunstâncias formação e um apoio que é fundamental", afirmou.

"Há muito tempo que alertamos para o facto de os Açores terem um défice efetivo de cerca de 200 agentes. E já fomos questionados pela

própria hierarquia da PSP de como é que se chega a essa conclusão, o que nos deixou ainda mais preocupados, porquanto o Comando Regional da Polícia, à altura, não sabia quantos agentes faltavam nas 35 esquadras do arquipélago", referiu.

Segundo Luís Soares, a sociedade açoriana, mas também a sociedade portuguesa, "tem de envolver-se neste processo porque nós [Portugal], ainda há bem pouco tempo, éramos o terceiro país mais seguro do mundo, e neste momento somos o sétimo país mais seguro do mundo". "É preciso analisar o que é que aconteceu, o que é que está a acontecer para que

Portugal tenha baixado na tabela dos países mais seguros do mundo. A nossa resposta é clara sobre isso, e é a redução do efetivo", acrescentou o social-democrata. "Os anteriores governos da República [do PS] não apostaram nas Forças de Segurança, e este Governo [da AD - Aliança Democrática] procura remediar os erros que foram feitos", explicou, lembrando que "ainda há bem pouco tempo, com o anterior governo, extinguiu-se o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) devido a uma infeliz declaração de um ministro, perdendo-se algo fundamental para a salvaguarda da segurança", disse.